

INTRODUÇÃO AO NIHONGO

Glória Imai Amorim¹; Gabriela Nunes de Deus Oliveira²

RESUMO

O *Introdução ao Nihongo* é um projeto de ensino que tem como objetivo difundir a cultura japonesa entre os alunos participantes do curso e ampliar os conhecimentos linguísticos dos alunos com relação ao idioma japonês, valorizando o estudo da Língua japonesa, destacando sua importância. As aulas estão focadas na introdução do idioma, sendo estudados os três sistemas de escrita: o hiragana, o katakana e o kanji. Os conteúdos das aulas estão sendo aplicados através de aulas expositivas, vocabulário, exercícios, atividades com música e o shodō, que é a arte de caligrafia japonesa com nankin (tinta base de carvão), que no caso será adaptada para tinta comum.

Palavras-chave: Nihongo. Língua japonesa. Cultura japonesa.

INTRODUÇÃO

A língua japonesa ou nihongo, como é chamada pelos japoneses, não é o idioma original do país, até hoje não se sabe ao certo sua origem definitiva, mas estudos apontam que o japonês é uma língua originada de diferentes dialetos asiáticos. O sistema de escrita do japonês teve sua origem com a chegada dos chineses ao Japão: “Após a escrita chinesa ter sido introduzida entre os séculos V e VI, ela foi acrescentada de dois alfabetos fonéticos (hiragana e katakana), que eram variações modificadas dos caracteres chineses” (EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL, s/d.).

A escrita japonesa pode ser um tanto complicada para os estudantes iniciantes de idioma por conta de ser formada por três alfabetos fonéticos compostos

¹ Discente do curso técnico integrado em Hospedagem do Instituto Federal Catarinense, *campus* Camboriú. E-mail: glorinhaimai@gmail.com.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal Catarinense, *campus* Camboriú. Orientadora no Projeto de Ensino *Introdução ao Nihongo*. E-mail: gabriela.oliveira@ifc.edu.br.

de símbolo, leitura e significado. Os três alfabetos pelos quais o idioma é composto são chamados de hiragana, katakana e kanji, sendo usados ao mesmo tempo. O hiragana, composto por 46 letras, é o primeiro sistema que os estudantes de japonês devem aprender como base para todo o estudo, porque com ele se torna possível aprender a fonética dos outros dois sistemas de escrita, apesar de que com ele não é possível escrever todas as palavras. Temos ainda o katakana, também composto por 46 letras, o qual é empregado na escrita de palavras que não são de origem japonesa como: leite (ミルク), tv (テレビ) e nomes de estrangeiros, como Maria (マリア), Franklin (フランクリン), Luna (ルナ). O último alfabeto é o kanji, que na verdade corresponde a ideogramas usados para escrever palavras com suas características marcantes, sendo que cada símbolo possui um significado único. Quando ocorre a junção de dois kanjis, conseguimos a formação de uma palavra que muitas vezes pode ter significado completamente diferente dos dois pelo qual foi originado anteriormente. “No Japão, há cerca de 6.000 ideogramas espalhados por toda a literatura, sendo 2.136 deles considerados pelo Ministério da Educação e Cultura como kanjis de uso diário” (RAFAEL, s/ d., p. 29). Como o kanji é um meio bem amplo de palavras, acaba sendo uma das partes mais complicadas para os estudantes de japonês, mas a verdade é que nem mesmo os japoneses sabem todos os kanjis que existem. Segundo Rafael (s/d, p. 32), “na escola, o japonês aprende os KANJIS mais pela necessidade de ler textos, copiar conteúdo da lousa referente a todas as matérias, escrever redações e resolver exercícios, do que pelo ensino formal do KANJI”. Mas depois que saem da escola acabam esquecendo de kanjis que não costumam fazer parte de seu dia a dia.

“Fora do Japão, 3,98 milhões de pessoas estudam a língua japonesa, ainda de acordo com informações de 2012 da Fundação Japão. No Brasil, o total é de 19.913 alunos” (MAEBUCHI, 2016). Segundo dados da Fundação Japão (2006), o Brasil ocupa a 13ª posição na classificação de países onde há estudantes de japonês como língua estrangeira. Mas o que leva essa grande quantidade de pessoas a se interessarem em aprender um idioma tão complexo? Alguns procuram uma oportunidade melhor de trabalho, ou querem estudar em uma faculdade japonesa, viajar ou simplesmente acabam atraídos pela cultura nipônica, querendo se aprofundar mais por meio do aprendizado de japonês.

O aprendizado da língua no Brasil se iniciou praticamente após a imigração dos japoneses para o país, em 1908. Há também relatos não oficiais que dizem que a educação japonesa entre os imigrantes surgiu nos próprios navios, antes de chegarem ao Brasil, já que era necessário “manter viva a língua materna para que os japoneses imigrantes não tivessem atraso com relação aos japoneses que lá ficaram, já que a intenção seria retornar em breve ao Japão” (MORATO, 2011).

Porém, em 1937, com a ascensão do nacionalista Getúlio Vargas ao poder e a entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial, o ensino da língua japonesa se tornou proibido, sendo o uso da língua relegado apenas ao âmbito doméstico. Com o fim da guerra, o ensino da língua japonesa é liberado no Brasil e as escolas comunitárias começam a ser oficializadas, elaborando livros didáticos em português para os estudantes de japonês do Brasil.

Surgem também as instituições de ensino e cultura japonesa, como: Federação das Escolas de Ensino Japonês no Brasil (1954-1988), Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (1955) e Aliança Cultural Brasil-Japão(1956). Mais tarde essas três instituições se juntam para formar o Centro Brasileiro de Língua Japonesa (CBLJ), localizado em São Paulo. O CBLJ foi fundado em maio de 1985 e oficializado em 20 de fevereiro de 1988; é um órgão sem fins lucrativos, políticos ou econômicos que objetiva ensinar e divulgar a cultura japonesa, realizar projetos, elaborar livros didáticos e promover intercâmbio de alunos e professores de língua japonesa.

De acordo com dados de pesquisa realizada em 2012 pela Fundação Japão, existem 325 escolas de língua japonesa no território brasileiro, inclusive instituições de ensino superior (MAEBUCH, 2016). Atualmente no Bairro da Liberdade, localizado em São Paulo, é onde há a maior concentração de japoneses e seus descendentes no Brasil, isso se deu porque o bairro abrigou os primeiros imigrantes japoneses que recebiam proteção e moradia pelos brasileiros que ali viviam. “E assim, com o passar do tempo, o bairro incorporou as características orientais. Hoje, a Liberdade é um dos bairros de maior atração turística da capital, com suas ruas enfeitadas e coloridas, seu comércio diversificado e sua beleza” (PORTAL GALEGO DA LÍNGUA, 2008). Com toda essa influência cultural trazida

para o Brasil, aprendemos a conviver com costumes nipônicos, tradições e palavras de origem japonesa, como “tatame”, “karatê”, “karaokê” e muitas outras que estão presente no nosso vocabulário até hoje.

O interesse pela língua japonesa no Brasil, na maioria das vezes, tende a acontecer por conta do “interesse cultural, representando 20%, superando o de ser nikkei, que é de 9%” (MORIWAKI; NAKATA, 2008, p. 183). Desse modo, observa-se que comumente o jovem busca aprender a língua para ser apto a ler conteúdos como *mangas*, histórias em quadrinhos japonesas, que podem não estar disponíveis em português, ou para saber a tradução de uma música, por exemplo, então isso vai evoluindo para o interesse de conhecer a cultura japonesa e comunicar-se com o idioma.

Podemos perceber que os jovens estão cada vez mais interessados nessa cultura, principalmente devido à cultura pop do Japão. Por isso, o projeto *Introdução ao Nihongo* tem como objetivo propor um âmbito cultural em que alunos poderão ter oportunidade de maior contato com o idioma e aprender as noções básicas da língua.

Em 2017, foi realizada uma pesquisa com os alunos do Instituto Federal Catarinense, *campus* Camboriú, a fim de se verificar se haveria interesse por parte dos alunos para estudar o idioma japonês. Foram distribuídos para os alunos 313 questionários, indagando sobre o interesse em participar de um curso introdutório de língua japonesa. Desse total, 139 alunos responderam ter interesse em participar, 98 responderam que talvez teriam interesse e 76 responderam não ter interesse.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir dos resultados da pesquisa feita, o curso foi planejado pela discente Glória Imai Amorim, recebendo suporte pedagógico da professora Gabriela Oliveira. Foram realizadas pesquisas em livros, sites e reportagens à procura de maiores informações acerca do idioma japonês, a fim de aprofundar o conhecimento da discente sobre o assunto. As inscrições foram abertas em abril deste ano. O número de inscritos excedeu o número de vagas ofertadas (15 alunos), então foi

feito um sorteio para selecionar os participantes. As aulas foram iniciadas no mês de maio, ocorrendo duas vezes por semana, no turno vespertino. A previsão de término do curso é o mês de setembro deste ano.

As aulas estão focadas na introdução do idioma para os estudantes inscritos. Nessas aulas são exploradas as três formas de escrita da língua japonesa: o hiragana, o katakana e o kanji, sendo realizado um trabalho com a gramática da língua e com vocabulário em geral. Como metodologia, empregam-se aulas expositivas e dialogadas, utilizando-se recursos como músicas, filmes, listas de exercícios realizados em sala de aula e em casa.

Ao término do curso, será entregue aos participantes um questionário no qual eles poderão avaliar a experiência que tiveram com as aulas e o aprendizado da língua japonesa.

RESULTADOS ESPERADOS OU PARCIAIS

No curso já foram trabalhados dois sistemas de escrita, o hiragana e o katakana. Recentemente iniciou-se o estudo do kanji. O aprendizado de cada sistema envolve também os conhecimentos relacionados aos outros sistemas do idioma.

Espera-se que os participantes do projeto, ao final das aulas, possam adquirir conhecimentos básicos da escrita e da fala japonesa, podendo assim aperfeiçoá-los no futuro, caso desejem, sem grandes dificuldades nessas áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura japonesa está comumente difundida entre jovens e adolescentes brasileiros, inclusive entre os estudantes do Instituto Federal Catarinense, *campus* Camboriú, como pôde ser percebido a partir da pesquisa realizada por este projeto, a qual constatou que, dentre 313 alunos, 139 teriam interesse em estudar a língua japonesa. Nesse sentido, o projeto *Introdução ao Nihongo* tem como intuito suprir

essa demanda, funcionando como um meio de difundir a cultura japonesa no IFC Camboriú, ampliando os conhecimentos linguísticos dos alunos com relação ao idioma japonês.

Com o curso, espera-se também incentivar os alunos a continuarem aprendendo o idioma e a procurarem por novos métodos de estudos para que no futuro possam ter maior domínio do japonês e, quem sabe, usá-lo em suas vidas acadêmicas ou profissionais.

REFERÊNCIAS

EMBAIXADA do Japão no Brasil. **A língua japonesa**. Disponível em: <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/linguajaponesa.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Língua Japonesa**. 2016. Disponível em: <http://fjsp.org.br/lingua-japonesa/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MAEBUCH, Tatiana. **O ensino atual da língua japonesa no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2016/3/16/lingua-japonesa/>. Acesso em: 23 mar. 2017.

MORATO, Geanne Alves de Abreu. **Situando a língua japonesa no contexto da história do ensino de línguas no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-5-no-5-12011/190-situando-a-lingua-japonesa-no-contexto-da-historia-do-ensino-de-linguas-no-brasil>. Acesso em: 30 mar. 2017.

MORIWAKI, Reishi; NAKATA, Michiyo. **História do Ensino da Língua Japonesa no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

RAFAEL, Luiz. **Desvendando a língua japonesa**. 1. ed. Disponível em: http://aulasdejapones.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Desvendando.A.L%C3%A9ngua.Japonesa.-Livro_.pdf. Acesso em: 20 mar. 2017.

PORTAL Galego da Língua. **O Japão no Brasil**. 2008. Disponível em: <http://pglingua.org/especiais/espaco-brasil/430-o-japao-no-brasil>. Acesso em: 30 mar. 2017.